

Bento de Spinosa

I

O desprezado ácinte, e ignoto a muitos,
O frugal Spinosa aqui fulgura.
Errou, que é homem; — mas errou com elle
Toda a eschola Eleatica, e tu mesmo,
Oh Seneca immortal, com elle erraste;
E Campanella, e Bruno, e a nós mais perto
Contradictorio Mirabaud, deliras [1]...
Assim mesmo teu genio absorto admiro,
Oh lusitano hebreu! Nem posso a força
D'alma negar-te, que penetra sombras,
Que rasgar não foi dado á mente humana!
Quantos sabios a penna empunham, quantos
Escriptos contra ti tem visto o mundo!...
Quando attento medito as obras suas,
Não vejo impugnações, só vejo insultos.
Muitos na antiga edade, e na presente
Teu erro assuberbou. No Peripato
Eu vejo o pantheismo, e o vejo n'esse
Que a verdade indagou, que em Deus só via
Como em substancia immensa as cousas todas [2].
Talvez eu sorte egual no Tejo alcanço,
Não penetrando da Sciencia o templo,
Porém no ingenuo dom de ingenuos versos,
Que a si por premio tem, por meta a patria.
Beja te deu teus paes, teu berço o Douro;
Alguma cousa tens commum comigo [3].

J. A. de Macedo — *Newton*, canto II.

Eis aqui um tributo de espontanea e reverente admiração, que ha mais de meio seculo consagrava á memoria do homem verdadeiramente extraordinario, aquelle que em Portugal se propoz celebrar na linguagem das musas as conquistas da philosophia e os trabalhos dos seus adeptos. Porventura era esta a segunda vez que entre nós apparecia commemorado em publico o nome do pensador solitario de Hollanda sem o acompanhamento obrigado das calumnias e dos epithetos injuriosos, com que os detractores da sua doutrina costumavam affrontal-o, infamando-lhe a pessoa e desluzindo-lhe a sabedoria [1].

Considerado como auctor de um systema, que é promiscua e simultaneamente um poderoso esforço, uma das mais vastas concepções da intelligencia humana, e, se assim o querem, exemplo memoravel dos desacertos em que póde perder-se o espirito, quando extraviado pelas especulações abstractas, Spinosa merece a todos os respeitos uma attenção particular. O seu nome e o seu systema chegaram a adquirir nos ultimos tempos importancia e reputação taes, que promettem tornar-se immorredouras. Resurgidos da quasi obscuridade, ou antes, do desprezo em que jazeram por mais de um seculo, mal comprehendidos e peior interpretados, esse nome e esse systema começam a resplandecer como que de repente, e vão ganhando de dia para dia novo lustre, cercados de uma aureola radiosa, cujo brilho contrasta singularmente com as trevas da ignominia em que pretenderam submergil-os os seus antagonistas.

O pensador inoffensivo, que, na opinião de Malebranche, não passava de um *miseravel sophista*, veiu a ser por Schleiermacher reverenciado e invocado como se fôra um santo. O *atheu de systema*, a quem Bayle prodigalisára ultrajes e vituperios, e que não escapára aos pungentes sarcasmos de Voltaire, parece aos olhos da Allemanha moderna o mais religioso dos homens. O Deus de Spinosa, que o seculo XVII havia despedaçado como se fôra um idolo, chegou a ser o Deus de Lessing, de Goethe, de Novalis; e n'essa doutrina que Leibnitz qualificára de *extravagante*, apenas propria para embair o vulgacho, e que outros julgaram *espantosa chimera incompativel com o senso commum*,

1 Por muito tempo correu sob o nome de Mirabaud, secretario da academia franceza, o celebre *Système de la nature*, geralmente havido hoje por obra do barão de Holbach.

2 O oratoriano P. Malebranche, em cujas obras a analyse descobre, na opinião de alguns, mais resaibos de pantheismo, que nas do proprio Spinosa.

3 Servimo-nos de preferencia na transcripção d'este trecho da nova edição do *Newton*, tal como este poema foi reproduzido pelo sr. conselheiro J. F. de Castilho no jornal *O Iris*, 1848, vol. I; a qual se declara feita á vista de um autographo do poeta, por elle alterado, retocado e accrescentado com algumas centenas de versos, differindo por isso considerabilissimamente das edições publicadas em Lisboa nos annos de 1813 e 1815.

1 Já no tomo III das *Memorias de litteratura*, dadas á luz pela academia real das sciencias de Lisboa em 1792, de pag. 265 a 270, o erudito academico Antonio Ribeiro dos Santos incluira uma brevissima noticia biographica de Spinosa, com a exposição do seu systema, colhida, ao que nos parece, mais nas obras dos adversarios, que na leitura e estudo das do proprio Spinosa.

vê Jacobi a ultima palavra do racionalismo, e Schelling o presentimento, ou antes, o typo da philosophia verdadeira. Pouco tardou que esta sorte de enthusiasmo, transpondo os limites da Allemanha, invadisse a França e viesse mais ou menos a generalisar-se por toda a Europa.

Não é para nós, mesquinha creatura, a presciencia dos destinos que nos arcanos do futuro se reservam á nova doutrina. Tão pouco podêmos entrar na sua analyse e apreciação. Registâmos pura e simplesmente os factos, abrindo com estas breves linhas a noticia em que intentâmos pôr ao alcance dos menos instruidos as particularidades da vida do homem, cuja gloria reflue até certo ponto sobre a nossa patria; pois se não temos achado provas incontestaveis de que elle visse a primeira luz em o nosso solo, é pelo menos certissimo que de Portugal saíram os seus progenitores. Sirva essa noticia, quando menos, de incitamento á curiosidade e estudo. A pessoa de Spinosa, tanto como a sua doutrina, são perfeitamente originaes. Acha-se estampado no seu modo de viver o mesmo sêllo de singularidade, que distingue a sua maneira de pensar e de escrever. Seu caracter e costumes irreprehensiveis, seu isolamento, as enfermidades physicas e moraes da sua natureza, revelam frequentemente o segredo das suas especulações, e devem concitar-lhe o respeito e estima ainda d'aquelles que, tendo por erradas as suas concepções, insistem em ver no spinosismo, de envolta com o anniquilamento dos principios religiosos, a destruição da moral e ordem publica, sustentaculos da existencia e da prosperidade dos estados.

II

Aos 24 de novembro de 1632, na cidade de Amsterdam, nasceu Baruch de Spinosa de uma familia de judeus portuguezes. Tal ha sido n'este ponto a opinião correntemente seguida por todos os seus biographos que podêmos consultar, depois que assim o affirmára o ministro lutherano João Colero na vida que d'elle escreveu, e que, se não estamos em erro, se imprimiu pela primeira vez em 1706.

Comtudo, José Agostinho de Macedo, não só no trecho que collocámos á frente d'este artigo, mas em outros logares de seus escriptos, dá como certo e assentado que Spinosa fôra oriundo de Beja, d'onde seus paes tiveram de expatriar-se para fugir ás pesquizas e rigores da inquisição. Que determinados a buscar guarida na Hollanda, a exemplo de tantos seus correligionarios, se dirigiram occultamente para o Porto, indo a mãe no estado de gravidez; e que, sendo ahi demorada pelos trabalhos do parto, seguíra pouco depois com o marido viagem para Amsterdam, levando comsigo o filho recem-nascido, e de companhia outro judeu notavel, rabbi Jacob Murteira (que outros chamam Moysés), o qual viera a ser o primeiro mestre do pequeno Baruch. D'aqui tirava José Agostinho grande gloria para a sua patria, e para si a ufania de haver por compatricio tão abalisado engenho. Debalde procurámos até hoje averiguar d'onde houvera elle taes noticias, e o grau de credibilidade que devamos dar-lhes; porém a insistencia com que o diz e repete tantas vezes parece indicar que algum documento authentico, ou, pelo menos, a tradição acaso conservada entre os bejenses desde o seculo anterior, lhe serviram de fundamento para desviar-se n'esta parte da opinião geralmente propalada, e que elle mal podia ignorar.

Seja, porém, como for, é certo que o pae de Baruch, Miguel de Spinosa, se estabelecêra em Amsterdam, e que exercia ahi a profissão commercial, vivendo folgadamente com a sua familia em uma bella casa, situada nas proximidades da antiga e afamada synagoga portugueza. Tinha além de Baruch duas filhas, Rebecca e Merian de Spinosa, que casaram honradamente com israelitas portuguezes.

Não faltou a Baruch a educação litteraria propria para desenvolver a imaginação viva e o entendimento perspicaz com que a natureza o favorecêra, e que n'elle desde a infancia começaram a manifestar-se. Após os estudos da Biblia e da lingua hebraica, que constituiam a parte essencial do ensino das synagogas, passou a aprender o latim, que era ainda então na Europa a lingua universal dos sabios. Deram-lhe por mestre o medico Van-den-Ende, homem instruido, mas espirito ousado e inquieto, que, passados annos, veiu a terminar tragicamente no patibulo uma vida aventurosa, morrendo enforcado em França, accusado de conspirador.

O principal e mais veridico biographo de Spinosa, o já citado Colero, que tomâmos por guia em nossa narrativa, affirma que Van-den-Ende se comprazia em espalhar no espirito dos seus alumnos as primeiras sementes do atheismo. Tinha elle uma filha unica, a qual era tão perita nos segredos da musica e da latinidade, que se tornára capaz de supprir o pae nos seus impedimentos e ausencias, dando lições aos escholares. Como n'esta qualidade Spinosa havia frequentes occasiões de vel-a e tratal-a, veiu a conceber por ella uma paixão ardente, com proposito de esposal-a, segundo o que seus amigos lhe ouviram confessar muitas vezes. Não quiz, porém, a fortuna que lograsse o fim de seus desejos. A filha de Van-den-Ende, ainda que não fosse uma formosura perfeita, possuia, comtudo, em grande cópia as graças do espirito, e attractivos bastantes para conquistar adoradores.

Aconteceu, pois, que, ao passo que subjugava o coração de Spinosa, achou-se requestada de um mancebo hamburguez, por nome Kerkering, que cursava tambem o estudo da latinidade. Bem depressa percebeu este que tinha um rival, e para logo redobrou cuidados e assiduidade, a fim de supplantar o seu competidor. Ganhou, finalmente, a preferencia; para o que muito concorreu, ao que parece, o brinde que fez á donzella de um colar de perolas, do valor de duzentas ou trezentas pistolas. Sensivel a demonstrações de tamanho peso, ella lhe prometteu a sua mão, e desempenhou a promessa fielmente, logo que o apaixonado mancebo abjurou a religião protestante que seguia, para abraçar a catholica romana, em que a sua amada havia sido educada.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

(Vid. pag. 102)

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

I

DUAS FAMILIAS

A distancia de dois kilometros ao norte da Povoa de Varzim existe uma formosa aldeia que tem o poetico nome de Avelomar. Estendem-se as suas casinhas brancas, de léste para oeste desde um sitio chamado Lameiro até quasi á borda do mar; alli, na parte mais elevada do areial, ha uma comprida fileira de moinhos de vento, que são como a guarda avançada das primeiras habitações. A aldeia é grande, e os seus moradores não passam a vida ociosos. A maxima parte emprega-se na cultura dos extensos campos que rodeiam a povoação; outros occupam-se na pesca; e alguns vão procurar a fortuna longe da patria, em viagens aventurosas e longinquas, no Brasil, na India, na Australia, em todas as regiões onde se acha oiro, e... um cemiterio para os que não voltam.

Ao logar em que são edificadas as ultimas casas ao pé do areial chama-se Aldeia Nova, que defronta com a praia de Esteiro; os nomes das outras praias são, vindo do norte: Aradinha, Carreiro, Boccas e Cannas; de Esteiro para o sul, chamam-se: Forcada, Amorosa, Fragosa e Lagôa, que já confina com a freguezia de Beiris. A costa é de espaço a espaço povoada de extensas penedias, que em muitos sitios avançam mais de um kilometro pelo mar dentro. Nos intervallos de uns e outros rochedos formou a natureza portas naturaes, por onde, nos dias de bom tempo, saem os bateis de pesca, muitos dos quaes nem sempre tornam a voltar se os encontram os temporaes nas grandes longitudes a que elles se aventuram.

Ha já muitos annos viviam no logar de Aldeia Nova dois pescadores visinhos e amigos, socios ambos n'um batel que era sempre dos mais felizes na pesca. Eram elles tambem os mais audazes de quantos ousavam distanciar-se até perder a terra de vista; mas o seu barco trazia sempre os maiores congros, as pescadas mais agigantadas, os ruivos mais colossaes e mais saborosos, maior abundancia de arraias, de fanecas, de pargos, de peixes agulhas, e de todas as variadas especies que n'aquelles mares se encontram. Casaram-se os dois pescadores; e a mulher de um teve um filho quasi ao mesmo tempo em que a do outro tinha uma filha. O contentamento das duas familias foi espantoso. As mães, que eram egualmente amigas uma da outra, logo que se ergueram da cama foram abraçar-se, e exclamaram ambas a um tempo:

— Fez-me Deus a vontade!

Exclamações que os maridos tambem tinham soltado um para o outro logo que nasceram as crianças. Os baptisados fizeram-se no mesmo dia, sendo padrinho e madrinha da menina os paes do menino, e d'este os da menina.

Ao jantar, perante os convidados e com os copos e canecas em punho, juraram solemnemente os dois paes e as duas mães que os pequenos haviam de casar um com o outro, se Nosso Senhor não manifestasse a sua santissima vontade em contrario por alguma fórma inesperada. Choraram todos de alegria, contribuindo o vinho com boa parte das lagrimas; deram-se abraços a torto e a direito com as melhores intenções, e todos se ajustaram para irem dançar na bôda de Pedro e de Maria, que devia ser d'ahi a dezeseis annos, pelo menos.

II

OS FILHOS

Cresceram os pequenos rapidamente, como se tivessem pressa de chegar á edade em que deviam começar a amar-se. Maria, para não gastarmos tempo com vãs descripções, parecia uma rosa das mais formosas e aveludadas que dão as melhores roseiras. Pedro fez-se um gentil rapaz; e, sem que ninguem lhe dissesse as combinações feitas pelas duas familias, começou a gostar devéras da pequena; e aos quatorze annos cantava por amor d'ella ao desafio com os mais illustres improvisadores da aldeia, e ensaiava-se a jogar o pau, com o vago presentimento de que dentro em pouco teria de defender o seu thesouro á cacheirada.

Maria aprendeu a ler e escrever com o padre Manuel, um santo homem que passava a vida cheio de impaciencia a esperar pelo dia da bôda dos dois rapazes, para saborear o jantar, que na sua candida imaginação concebia de concerto com os seus gostos, e a sua inclinação pelas saladas de lagosta e de caranguejo maximo.

Pedro, em vez de olhar para a carta dos nomes, olhava para Maria; e, quando a não tinha presente á lição, saía sem ceremonia da eschola e ia atirar pauladas, para se exercitar, ao tronco de um platano que havia no terreiro. Estes exercicios eram feitos com tão conscienciosa regularidade, que aos quinze annos o auctor d'elles confundia uma vogal com um algarismo, e o professor, que lia muito bem o latim sem o entender, julgava o discipulo estupido como um carneiro, e aconselhava o pae a que o casasse quanto antes, porque talvez o casamento lhe aclarasse as idéas.

Os dois compadres achavam, porém, ainda muito cedo; e, para fazerem do moço gente, levaram-n'o comsigo ao mar.

III

A PRIMEIRA VIAGEM DE PEDRO

Está demonstrado ha muito tempo, e por isso se não trata de provar agora aqui, que todo o namorado é poeta, admittindo que poeta é synonymo de pedaço d'asno. O nosso amigo Pedro já improvisava ao desafio cantigas que lhe davam direito a ser membro de qualquer academia, se porventura houvesse alguma na sua terra, ou se as de fóra admittissem socios que andassem de tamancos e calças de baeta branca. Mas na aldeia não havia institutos sabios, e os da cidade, ou não tinham conhecimento sufficiente da vocação do rapaz, ou não quizeram no seu gremio um lapuz que assanharia pela sua simplicidade e faria dar urros aos outros immortaes. O mancebo não foi academico, assim como não conseguira aprender a ler correctamente. Mas, em compensação, nunca nenhum poeta, mesmo dos mais graúdos, sonhou e viu as maravilhas que enchiam a phantasia do joven pescador.

No primeiro dia que foi ao largo e perdeu a terra de vista, sentiu-se outro. A solidão do mar e dos ceos entrou-lhe n'alma, e revelou-lhe a fórma e a grandeza do sentimento que o dominava sem elle dar por isso; teve, ante o magestoso espectaculo da immensidade, como uma intuição do seu destino, e previu que tinha nascido para o amor e para a fatalidade.

Não comprehendendo nada do que estava sentindo, lançou os olhos em torno de si, e viu que de todos os lados, no mar, no ceo, ao longe e ao perto, lhe apparecia sempre um ponto luminoso, uma estrella formosissima — Maria.

Deitou machinalmente as linhas; e, como os outros pescadores, segurou-as nas extremidades, á espera que picasse o peixe; este veiu e levou-lhe os apparelhos, sem que elle fizesse diligencias para os apanhar. O pae zangou-se e quiz bater-lhe, mas o padrinho interveiu sorrindo, e os outros companheiros riram á farta da admiração em que ficára o moço quando caiu em si.

O barco depressa se foi carregando; a fortuna acudia, como de costume, ao chamamento dos velhos pescadores. Pedro instava pela partida, porque, dizia elle, o sol ia baixando muito depressa; mas a verdade era porque o chamava outra luz que elle via na terra.

— Deitemos as linhas só uma vez mais e logo partiremos, disse o pae, depois de ter reflectido um pouco.

— Compadre, observou o padrinho, vejo além uma nuvemsinha que não me cheira. Por hoje temos já a nossa conta; nada de tentar a Deus! A ambição perde os homens.

O compadre Balthazar respondeu, ao mesmo tempo que iscava os anzoes:

— O compadre, faz-lhe mal levar mais meia duzia de congros?

— Não; mas será bom deixarmos cá alguns para outro dia. Olhe que não os podêmos apanhar todos, e a nuvem caminha e engrossa sobre nós.

— Ora adeus!... Já cá sinto um a farejar a isca... zás! Elle cá vem!

E começou a alar a linha, que ora abrandava, ora estendia com violencia, segundo os movimentos do peixe.

Em menos de um minuto entrava o congro no batel. Era um peixe enorme, com o lombo cinzento, quasi negro, a cabeça aguda como a de algumas serpentes, e o ventre esbranquiçado.

— Bonito bicho! exclamou o compadre Sebastião. E, atiçado pela cubiça, iscou tambem os seus anzoes e atirou-os ao mar, sem se lembrar já da nuvemsinha e das prudentes reflexões que ella ha pouco lhe suscitava.

IV

A NUVEMSINHA

O mar estava mansissimo; o batel quasi immovel; o ceo sereno; o horisonte claro para todos os lados... menos do sudoéste, onde se via a nuvem que notára ha pouco o compadre Sebastião.

Essa nuvem, que parecia ao principio uma teia de aranha esquecida pela vassoira dos ventos n'um cantinho do ceo, foi crescendo lentamente, tomando de instante para instante fórmas diversas e caprichosas, como as das ondulações do fumo n'uma atmosphera calmosa, ou como as evoluções de um bando de estorninhos perseguidos por um milhafre. Encolhia-se, estendia, alargava ou estreitava, similhando ora um immenso farrapo côr de chumbo, ora um castello cheio de torreões em um monte cortado de valles profundos.

Pedro olhava fitamente para todas aquellas transformações, mas não as via. No meio da nuvem estava, como no mar e no ceo, a imagem que elle tinha na alma, e era essa imagem que o moço cuidava estar vendo.

O pae, o padrinho e os outros homens da companha não reparavam para o horisonte. Os seis congros que Balthazar desejava já estavam pescados; os pescadores, sem se communicarem os seus pensamentos, julgaram todos ao mesmo tempo que era bom apanhar mais outros seis, e continuaram a deitar silenciosamente as linhas.

A pesca afigurava-se a todos prodigiosa n'aquelle dia; nunca ninguem tinha tido tanta felicidade; o peixe parecia supplicar que o apanhassem; os velhos congros, que tinham vivido seculos, disputavam a vez de se atirarem ao anzol mortifero. Dir-se-hia que presentiam uma revolução proxima e terrivel no elemento que habitavam, e empenhavam-se para evitar, por meio de uma morte antecipada, a catastrophe da patria.

De repente a superficie do mar encrespou-se ligeiramente, como se fosse tocada por um corpo que lhe era repugnante. Os pescadores empallideceram e alaram velozmente as linhas; os peixes mortos como que estremeceram no fundo do batel; os vivos mergulharam para as profundidades do Oceano, formando um redomoinho á roda do barco com a violencia com que todos agitaram ao mesmo tempo os rabos e as barbatanas.

A agua é dotada de tão extraordinaria sensibilidade, que não creio que haja na natureza, a não ser a sensitiva, animal ou planta que possa comparar-se-lhe. Se podesse observar-se o fluido que se suppõe circular dentro dos nervos do corpo humano, parece-me que se lhe encontrariam as mesmas propriedades da agua, com pequenissimas differenças. Assim como ha mulheres que empallidecem e tem convulsões nervosas á vista de uma cobra ou ao contacto de um sapo, assim o mar, ao contacto dos ventos, muda tambem de côr, torna-se livido, agita-se, espuma de colera, ruge contra o elemento antipathico, e, depois de manifestar todos os symptomas que exprimem o sentimento animal, cae nas prostrações que succedem a todas as luctas.

Em quanto os pescadores, contentes com a sorte, estavam

«N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito»,

aproximára-se e crescêra a nuvem, que vinha do sudoeste impellida por ligeiro vento. Atraz d'ella, e como para assignalar o seu caminho, ia-se forrando o ceo de negro. O sol começava a tocar nas aguas, e a noite parecia esperar com impaciencia que elle desapparecesse para lançar nas trevas o terror e o espanto.

Quando Balthazar e Sebastião viram o primeiro annuncio da procella na face do mar que se enrugava, recolheram, como atraz dissemos, os apparelhos de pesca.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 65)

III

São conhecidas as desintelligencias que se deram na corte del-rei D. Diniz, entre o principe Affonso o Bravo, seu filho legitimo e herdeiro do throno, e o bastardo Affonso Sanches, que, felizmente, terminaram pela sensata intervenção da piedosa rainha D. Isabel. Não nos cumpre averiguar agora este ponto da historia patria, nem queremos tratar d'elle por menor [1].

Pouco depois de Affonso Sanches estabelecer com sua mulher residencia no senhorio doado pelo rei lavrador, o conde D. Martim Gil com sua mulher, D. Violante, quizeram disputar-lhes a posse, allegando que a Villa do Conde e dominios eram herança dos seus antepassados, e d'ahi se originou um grave litigio, em que foi mister intervir a auctoridade real, como era de uso, e o rei mandou declarar que se fizesse boa a posse de seu filho [2], exonerando o conde D. Martim Gil do dito senhorio, e confirmando a sentença com a carta de doação. N'essa mesma epocha, ou decorrido pouco tempo, a Povoa foi elevada á cathegoria de villa.

D. Affonso Sanches teve de sua mulher, D. Theresa, dois filhos, que morreram na infancia; e D. João Affonso, que foi o herdeiro de seus bens, senhor de Albuquerque, Medelhim e outras terras, exerceu as funcções de alferes-mór de D. Affonso XI, rei de Castella. D. João Affonso, a quem chamavam o *Ataude*, casou com D. Isabel de Menezes, da qual não teve filhos, mas deixou muitos bastardos reconhecidos.

Tendo feito testamento com piedoso intuito, Affonso Sanches e D. Theresa dispozeram n'elle que o castello de Villa do Conde, em que tinham vivido, fosse entregue ás religiosas franciscanas de Santa Clara [3], conforme consta das *Provas da historia genealogica da casa real portugueza*, accrescentando-se que esta doação é datada do anno 1318, pouco mais ou menos o do fallecimento de Affonso Sanches. Para assegurar a necessaria decencia e o sustento das ditas religiosas, os devotos fundadores deixaram-lhes tambem o rendimento de varias terras, em que se incluia Povoa de Varzim [4].

Instituido o mosteiro, a abbadessa gozou de taes isenções e regalias, que até as jurisdicções civil e criminal lhe pertenciam; como era natural, a justiça não se exercitava com rectidão nem com imparcialidade, e os povos mais queixosos dos abusos do poder foram os da Povoa de Varzim, a ponto que o sr. rei D. Manuel, ao conhecimento do qual chegaram não só essas queixas e contendas, mas tambem os fundamentos

[1] Vid. pag. 348 do vol. V d'este semanario.

[2] Segundo o auctor das *Memorias historicas*, já citadas, na decisão do rei D. Diniz se lia: «Que Varazim de Jusão e Touguião a par de Villa do Conde, com outras mais terras e igrejeiros ficassem com D. Thareja, sua mulher.»

[3] Vid. pag. 365 do vol. IV e 321 do vol. VI do *Archivo Pittoresco*. N'este ultimo numero vem uma gravura representando o convento de Santa Clara.

[4] Vid. *Memorias* citadas, pag. 12 e 13.

d'ellas, entendeu que devia abolir o estado que se creára a abbadessa, com detrimento do real poder, e outorgou á villa novo foral, confirmando o do rei lavrador. Com este foral terminou o direito do mosteiro das franciscanas de Villa do Conde [1], e deu-se á Povoa a isenção de eleger juiz, mordomo e chegador, collocando assim aquelle povo nas condições em que então se achavam as principaes villas do reino.

O mosteiro não perdeu, todavia, em rendimento, porque, ao passo que D. Manuel dava consideração de municipio á Povoa de Varzim, estabelecia para as freiras franciscanas, a titulo de compensação, uma tença de duzentas libras, e todo o solho e peixe real que viesse á praia, o que só foi executado depois do fallecimento do venturoso rei.

IV

Infere-se, pois, do que fica posto, que a regeneração, ou antes a emancipação, como diz o auctor das *Memorias historicas*, da villa da Povoa de Varzim, antiga *Varazim de Jusão*, data do reinado do sr. rei D. Manuel. Desde então, os habitantes da villa regenerada, posto que tivessem de luctar por muito tempo contra a má vontade das religiosas de Villa do Conde e das pessoas graúdas que as protegiam, e contra as difficuldades que d'ahi naturalmente resultavam, começaram a prosperar e a ver que eram abençoados os fructos do seu trabalho.

Este desenvolvimento tornou-se tão notavel quasi meiado o seculo XVI, que o governador do arcebispado, o provisor Antonio Velho, designou a capella da Madre de Deus para n'ella se conservar o sacrario; e no primeiro quartel do seculo seguinte, a freguezia de Argivae ficou inteiramente desmembrada da Povoa, passando o parocho, que era de ambas, a ter só residencia na segunda das povoações, satisfazendo-se d'este modo as repetidas instancias dos moradores, que se queixavam de nem sequer terem missa no dia do seu orago [2].

A capella da Madre de Deus estava situada ao poente do adro da actual matriz, e era separada d'elle por uma rua. Fôra a escolhida por ser mais central. No principio do seculo XVIII, o sacrario foi transferido para a egreja da misericordia, que então servia de matriz e se achava restaurada havia annos.

Os fundadores da capella da Madre de Deus foram o cavalleiro João Martins e sua mulher, Maria Affonso, no anno de 1542, conforme consta dos titulos que possuia o sr. Bento Pereira de Faria Gajo, de Villa do Conde [3].

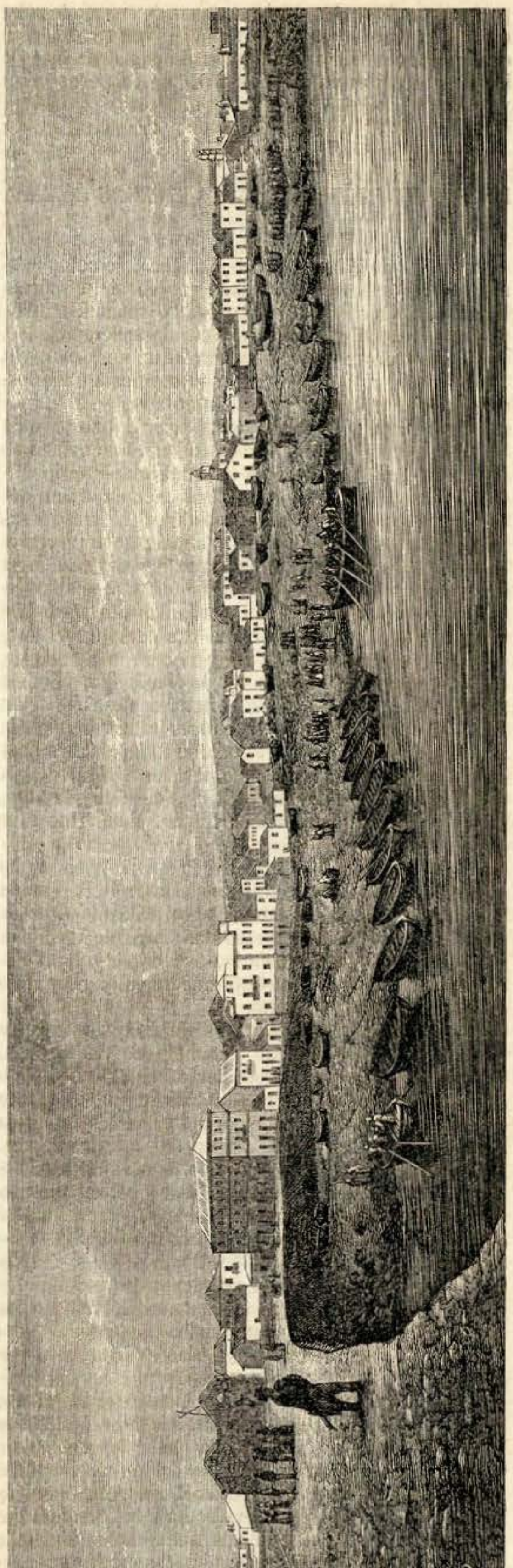
Desenvolvida a villa, e accrescentada a industria da pesca por essa mesma razão, no começo do seculo XIV, salvo erro, o vigario da Povoa quiz augmentar a sua congrua mandando pedir na praia uma esmola de peixe para o seu sustento; ao que os bons pescadores se não oppozeram, e, como exemplares parochianos, não deixaram nunca o seu pastor sem esmola avultada.

Deu isto, porém, origem a que as necessidades, verdadeiras ou apparentes, do cabido de Braga, que ahi via meio de se saciar, se entremostrasse, primeiro timidamente, depois com desassombro, convertendo aquelle onus voluntario em pesado dizimo sobre o pescado, que os pobres pescadores de Varzim, apesar de terem demonstrado que era em demasia injusto,

[1] No § 2.º do foral do sr. rei D. Manuel lê-se o seguinte: «Que não vendessem a dita terra, nem dessem, nem empenhassem, nem direitos della a cavalleiro, nem a dona, nem a clerigo, nem a pessoa religiosa; mas que fosse tal que fizessem ao dito rei, e avós, e a todos nossos successores o dito fôro livremente.»

[2] O orago da villa era S. Miguel. Hoje é padroeira Nossa Senhora da Conceição.

[3] Segundo nos diz o sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, a quem devemos muitos e mui interessantes esclarecimentos para esta serie de artigos, os actuaes possuidores da capella e vinculo são a filha mais velha do fallecido sr. Gajo, a sr.ª D. Maria Christina Pereira Gajo de Noronha, e seu marido, o sr. Manuel de Magalhães de Araujo Pimentel.



Vista da villa da Povoa de Varzim pelo lado do poente, tirada de cima do paredão ou caes

pagaram na importancia de centenas de contos de réis, e por certo ainda hoje pagariam, se em 1834 não se conseguisse firmar o throno constitucional da sr.ª D. Maria II e abolir os dizimos com que os povos eram vexados.

(Continúa) BRITO ARANHA.

PULPITO DA EGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Conclusão. Vid. pag. 137)

O templo de Santa Cruz de Coimbra, como os nossos leitores sabem, foi fundado por el-rei D. Affonso Henriques e reedificado por el-rei D. Manuel. O templo actual é, pois, obra d'este ultimo soberano.

Tratando do mosteiro de Santa Cruz em o vol. VIII d'este semanario, a pag. 295 referimo-nos a uma descripção d'este monumento, feita no anno de 1540 por D. Francisco de Mendanha, dom prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, a qual foi enviada ao papa Paulo III, que desejou ter conhecimento do edificio, e ao diante se inseriu na chronica da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho. N'essa descripção vem o seguinte periodo, que então transcrevemos, e agora vamos reproduzir de novo, porque nem todos os que lerem estas linhas terão á mão o citado volume do *Archivo*, e porque o dito periodo é essencial ás considerações que o assumpto nos suggere.

Diz, portanto, D. Francisco de Mendanha, fallando do portal do templo: «Este portal fez mestre Nicolau francez, e trabalharam nelle os tres francezes, tãobem grandes mestres, a saber: João de Ruão, Jaques Longuim e Filippe Uduarte; que pera esta obra, e pera a das sepulturas dos primeiros Reys deste Reyno mandou vir de França o senhor Rey D. Manoel de saudosa memoria.»

Apoiando-nos em tão auctorisada opinião, por quanto o auctor d'ella foi contemporaneo dos reis D. Manuel e D. João III, e viveu no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra durante o progresso das obras de reedificação, julgámos poder attribuir o celebrado pulpito d'aquella egreja aos esculptores francezes a que se refere D. Francisco de Mendanha.

Passado pouco tempo depois de escrevermos esse artigo, visitámos de novo o templo de Santa Cruz, com o fim especial de observar e analysar o pulpito com mais attenção e miudeza, confrontando-o, quanto ao trabalho artistico, com o portal da fachada da egreja e com os mausoléos dos nossos dois primeiros reis.

Não podia deixar de ser imperfeito simillhante estudo, por incompetencia nossa, pois que se requerem dotes e habilitações, que não temos, para se poder discriminar a verdade em materia tão delicada e no meio de tão escuro labyrintho. Todavia, como aquella analyse e confrontação nos fizeram vacillar na opinião que tinhamos, se não por incontestavel, pelo menos por acertada e soffrivelmente fundada, exporemos aqui as dúvidas que nos sobrevieram ao espirito em resultado das nossas ultimas observações.

O portal da egreja, e os tumulos del-rei D. Affonso Henriques e de seu filho, el-rei D. Sancho I, pertencem a esse estilo de architectura de que é typo o templo e mosteiro de Nossa Senhora de Belem. Chamem-lhe estilo gothico-arabe, ou gothico-florido, ou manuelino, o que é certo é que representa a architectura gothica no ultimo periodo da sua degeneração; n'aquella phase em que, indo beber inspirações em todos os estilos conhecidos, e perdendo, por conseguinte, o caracter definido, que marca as raias que separam e estremam uns dos outros os diversos estilos architectonicos, só revela a anarchia de idéas, que, tanto nas artes como na vida das nações, sempre é precursora de uma proxima e grande transição.

O pulpito foi delineado e esculpido segundo as regras da architectura chamada do renascimento.

Os baldaquinos vasados, que fazem docel ás estatuas, são as unicas feições do estilo gothico estampadas no pulpito. Mas essa ornamentação foi acceita por muitos antagonistas da fórma ogival, e vemol-a figurar em alguns dos primeiros monumentos que a renascença erigiu, principalmente em Italia. Em tudo mais, nichos, peanhas, pilastras, frisos, e em todo o genero de lavores, é puro estilo do renascimento.

Os sectarios d'esta grande reforma não só proscreveram, mas até tiveram em desprezo as fórmas gothicas, reputando-as barbaras. Foi esta intima convicção que os moveu a darem o nome de renascença ao novo estilo, porque entenderam que, levantando-o sobre a ruina da architectura gothica, faziam resurgir a arte das trevas da barbaridade em que se deslustrára.

Estas razões levaram-nos, portanto, a duvidar de que os mesmos artistas que traçaram e executaram o portal da egreja e os mausoléos reaes, segundo um estilo de architectura a esse tempo já condemnado nos outros paizes da Europa, e que em o nosso se achava tão proximo do seu fim, delineassem e esculpissem o pulpito conforme os preceitos de um estilo novo e tão opposto ao velho.

Accresce ainda outra circunstancia, que corrobora a conclusão que tirámos dos argumentos expendidos. A esculptura do pulpito é mais perfeita que a do portal e dos tumulos reaes. Esta circunstancia, ainda que seja considerada em geral, é digna de reparo, e não póde deixar de ter algum pêso na questão. Porém, se se attender a que o genero de esculptura em que o pulpito mostra muito mais subido grau de perfeição é nas estatuas que o decoram, reconhecer-se-ha não ser crivel que as mesmas mãos que fizeram as estatuas do portal e dos referidos mausoléos, tão incorrectas no desenho, e com tão pouca delicadeza e graça de cinzel, esculpissem as do pulpito, que, se não são isentas de algum defeito, apresentam, todavia, dotes artisticos, não sómente superiores aos d'aquellas, mas taes como não se encontram em outro edificio do nosso paiz. Um critico severo não achará em todas as figuras do pulpito, talvez, a nobreza de porte, que em similhantes obras é condição essencial de primor. Cremos, porém, que o hão de satisfazer as boas proporções que se observa n'ellas, assim como certa expressão do semblante, a graça e naturalidade da roupagem, e a delicadeza e esmero de trabalho, geralmente fallando.

Apresentaremos outra razão, que, não sendo de si bastantemente forte, tira, comtudo, alguma força do logar em que a collocámos, isto é, depois das considerações que temos feito.

D. Francisco de Mendanha não diz quem fez o pulpito, mencionando os artistas que trabalharam no portal da egreja e nos tumulos reaes. Poder-se-ha responder, é certo, que o historiador só teve em vista, nomeando os artistas, especificar as obras para as quaes foram expressamente mandados vir de França. Entretanto, sendo o pulpito uma peça tão formosa e de tanta excellencia de arte, que não ha na fabrica do templo coisa mais bella; e accrescendo a tudo isto a sua significação religiosa pelas figuras que o adornam, além do uso para que é destinado, custa a crer que se esquecesse D. Francisco de Mendanha de o mencionar entre as obras devidas ao cinzel dos ditos esculptores francezes, se estes fossem os seus auctores.

A conclusão logica de todos os nossos raciocinios é que o pulpito não teve por artifices os referidos esculptores; mas que o seu auctor ou auctores eram inquestionavelmente estrangeiros, attendendo-se ao atrazo em que se achava a estatuaria em Portugal até esse tempo, e posteriormente.

Se nos objectarem que não póde admittir-se que o

historiador que archivou os nomes dos quatro artistas francezes, chamados por el-rei D. Manuel para a reedificação da egreja de Santa Cruz, se descuidaria de deixar memorado o nome de um outro esculptor estrangeiro tão distincto, como devia ser o que esculpiu o pulpito, respondemos que a objecção não deixa de ter alguma plausibilidade, mas não cremos que ella enfraqueça os nossos argumentos. Se devessemos crer que o bom do padre era incapaz de incorrer em esquecimentos d'esse genero, em que tanto peccaram os nossos antigos chronistas, soccorrer-nos-hiamos á conjectura de que o pulpito fosse mandado fazer em Italia, onde teve muita voga o estilo de que o mesmo pulpito é typo. E não cause estranheza esta idéa, porque não foram poucas as obras de esculptura que vieram de differentes paizes para o nosso no correr do seculo XVI; e posto que o maior numero fosse em metal e em madeira, algumas eram esculpturas em pedra. Todavia, no presente caso não nos inclinâmos para esta idéa, por diversas razões, que omittimos para evitar maior prolixidade. Em quanto não encontrarmos pessoa que nos esclareça, ou documento ou memoria que resolva as nossas dúvidas, seremos de opinião que o pulpito foi feito em Portugal; que o desenho e esculptura são de artista estrangeiro, provavelmente italiano; e que o nome d'este ainda se conserva occulto e desconhecido.

Está o pulpito collocado no corpo da egreja, junto ao cruzeiro, do lado do evangelho. Ergue-se acima do pavimento apenas 1^{m},50, de modo que póde ser observado com a maior miudeza. Não tem docel, ou sobreceo.

A gravura a pag. 137, cópia de uma excellente photographia, é tão perfeita, e representa o pulpito com tanta exactidão, mostrando distinctamente os mais miudos lavores, que nos julgâmos dispensados de entrar em descripção minuciosa.

Tem o pulpito a fórma octogonal, mostrando só quatro faces. As principaes estatuas que o decoram, sentadas e mettidas em nichos, representam os quatro doutores da egreja, S. Jeronymo, S. Gregorio Magno, Santo Agostinho e Santo Ambrosio. Nas peanhas vêem-se uns lindos quadros em baixo relevo, esculpidos com summa delicadeza. Por cima dos nichos, entre mui graciosas figuras de anjos, avultam as sabidas divisas del-rei D. Manuel, a esphera armilar e a cruz da ordem de Christo, distinctivo de todos os monumentos erigidos por ordem d'este monarcha.

Fazem divisão áquelles nichos duas ordens de estatuas, muito mais pequenas que as dos doutores da egreja, e resaltando para fóra dos angulos do octogono, não obstante serem estes concavos em fórma de nichos. Cobrem as estatuas formosos baldaquinos rendilhados. As estatuas da ordem superior representam a religião e as quatro sibyllas, e as da ordem inferior os prophetas.

Esta é a principal obra de ornamentação; mas, além d'ella, o restante d'esta parte do pulpito é todo lavrado em delicadissimos e variados relevos, sabresaindo oito pequenas medalhas com bustos.

A parte inferior do pulpito, que serve de base á cadeira da verdade, é circular, e está egualmente ornada com profusão e com tão bom gosto, que não prejudica, antes faz realçar, a parte que o esculptor ataviou mais esplendidamente. Dá principio á misula do pulpito um dragão com a cauda enroscada. D'alli vão subindo, como em anneis, diversas cercaduras com variedade de lavores, e algumas adornadas com figuras de phantasia, rematando em um friso guarnecido com seis seraphins.

Além da perfeição da esculptura, é admiravel este pulpito pela graça e belleza da composição. Tendo sido o inventor tão prodigo na ornamentação, que não se vê espaço algum na pedra que não seja coberto de lavores, com tanta arte e bom gosto soube distribuir os ornatos, que nenhum póde ser julgado alli de mais, antes, pelo contrario, todos se combinam em tão perfeita harmonia, que ninguem poderá contemplar este pulpito, por mais profano que seja nos mysterios da arte, sem sentir, a par de admiração, um verdadeiro enlevo.

O conde de Raczynski, amador de bellas artes muito entendido e consciencioso, possuiu-se de tal admiração e enthusiasmo ao ver este pulpito, que, fallando d'elle no seu interessante livro *Les arts en Portugal*, diz: «...c'est un vrai bijou, que l'on serait tenté d'enchasser dans un médaillon ou dans une bague.» Com effeito, não se póde tecer maior elogio a uma obra de arte que julgal-a merecedora de ser encaixilhada em uma medalha ou engastada em um annel, como verdadeira joia.

Quanto ao seu estado de conservação, é o melhor que se póde desejar. Parece que saiu ha pouco das mãos do esculptor.

Ha pouco mais de um anno, foi este pulpito modelado em gesso, por iniciativa e diligencia do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, sendo então presidente da associação dos architectos civis portuguezes. Ficou tão perfeito o modelo, que não se differença do original senão na qualidade da materia. Peza-nos não podêrmos pôr aqui o nome do modelador, pois que honra o nosso paiz o artista que fez tão peregrina obra. Este modelo, mandado fazer para ser collocado no museu archeologico da referida associação, estabelecido na egreja gothica de Nossa Senhora do Carmo, em Lisboa, que o terremoto de 1755 deixou em ruinas, foi enviado pela mesma sociedade á exposição universal de Paris de 1867, e ahi figurou na secção retrospectiva das artes, onde foi observado com geral applauso. A associação dos architectos prestou um serviço importante ao nosso paiz, fazendo patente n'aquelle memoravel certamen uma das mais preciosas obras de arte que Portugal possue. Infelizmente, na volta para Lisboa, chegou o referido modelo bastantemente deteriorado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

OS EMBUSTES DOS ADIVINHADORES

Não irei hoje desentranhar da historia dos povos antigos, nem dos fastos da edade média, exemplos notaveis dos embustes com que os adivinhadores hão explorado a credulidade dos povos. Uma senhora celebre, que falleceu em nossos dias, nos fornecerá um episodio curioso da sua vida de prophetiza; e só elle bastará para demonstrar que a razão humana deve estar acautelada contra as enganosas predicções do futuro, e repellir afoita as práticas e os ardis que presuppõem a intervenção do sobrenatural no mundo physico e no mundo moral.

Melle Lenormand, famosa adivinhadora franceza, nasceu em Alençon no anno de 1772, e falleceu em Paris no de 1843. Recebeu uma educação aprimorada em um convento de benedictinas, e veiu depois estabelecer-se em Paris, habitando sempre a mesma casa na rua de Tournon.

Logo desde a infancia revelou uma disposição muito notavel para fazer predicções; de sorte que já no convento onde foi educada causava espanto e assombro ás suas companheiras.

Precedida de uma certa reputação n'este deploravel genero de talento e applicação, deu-se ao mister de deitar cartas para adivinhar o futuro. Em 1794 foi presa, em razão de fazer algumas revelações arriscadas; mas quando readquiriu a liberdade, viu crescer a voga que já tinha, por maneira que d'alli em diante a credulidade publica, ainda, e principalmente, nas al-

tas classes da sociedade parisiense, foi para ella uma rica e abundante mina de exploração. Durante as duas famosas epochas do imperio e da restauração foi consultada pelas personagens da mais elevada jerarchia, entre as quaes figurava designadamente a imperatriz Josephina.

Com verdade está escripto que, por espaço de quarenta annos, a corte e a cidade de Paris concorriam em chusma aos salões de m.elle Lenormand; e ainda hoje, quando se graceja com a pessoa que recorre á predicção pelas cartas, ouve-se a resposta emphatica: «Reparae que o proprio imperador Napoleão consultava m.elle Lenormand!» E, com effeito, a tradição popular faz d'esta sibylla a Egeria do imperio.

A imperatriz Josephina, que nascêra na Martinica, era um tanto supersticiosa, e por vezes recorreu á supposta sciencia de m.elle Lenormand em predizer o futuro.

Na classica *Historia do consulado e do imperio*, de mr. Thiers, ha, entre tantas bellas paginas, uma, na qual o insigne e preclarissimo historiador narra o ataque e a tomada de Ratisbonna, em abril de 1809. D'esse episodio de guerra faz ao meu proposito a parte relativa ao ferimento que o imperador Napoleão recebeu perto d'aquella cidade:

«Napoleão, diz mr. Thiers, impacientado pela resistencia que a cidade offerecia, e querendo pôr-lhe termo, tinha-se aproximado de Ratisbonna, no meio de um vivo tiroteio sustentado pelos austriacos, de cima dos muros, e pelos francezes, da borda do fôsso. Precisamente na occasião em que estava observando os logares com um oculo, recebeu uma bala no calcanhar, e disse com a placidez de soldado velho: — Estou tocado! — E em verdade estava tocado, e de um modo que podia ser bem funesto. Se a bala tivesse dado mais acima, fracturava-lhe o pé, e inevitavel sería a amputação. Os cirurgiões da guarda imperial, que a toda a pressa vieram ter com elle, arrancaram-lhe a bota, e pozeram um ligeiro apparelho sobre a ferida, que não era de gravidade. Os soldados dos corpos mais visinhos, em sabendo que o imperador estava ferido, romperam as fileiras, e n'um atomo se acercaram d'elle para lhe dirigirem os mais estrondosos testimunhos de affeição. Nem um só d'aquelles bravos deixava de considerar a sua existencia como enlaçada com a do seu general! Napoleão, dando a mão aos soldados que estavam mais perto da sua pessoa, affirmou-lhes que nenhum perigo corria; montou de novo a cavallo e foi percorrer a frente do exercito para o tranquillisar [1].»

Os despachos enviados a Paris noticiaram a verdade, isto é, que o imperador Napoleão recebêra uma ferida leve; mas o rumor publico, exaggerando o facto, como de ordinario succede, pintou o illustre ferido n'um estado verdadeiramente inquietador e desesperado.

Os boatos de fóra penetraram no palacio do Elyseu, e chegaram até aos ouvidos da imperatriz Josephina. A esposa e verdadeira amiga de Napoleão, vivamente commovida e desassocegada, lembrou-se logo, supersticiosa como era, de recorrer a m.elle Lenormand, e de feito a mandou chamar.

A sibylla moderna correu pressurosa ao palacio do Elyseu; fez o grande jogo das cartas egypcias, consultou Ariel, seu genio protector, e proferiu o seguinte oraculo [2]:

«O grande capitão, o novo Cesar, já coroado com tantos loiros, não está em perigo de vida; pelo contrario, o seu signo de boa fortuna desenvolve-se. Graças a Isdraïl, anjo da terra, vencerá todos os seus inimigos; os reis e os povos hão de celebrar a gloria do maior homem dos tempos modernos; e os proprios vencidos hão de reconhecer que Napoleão os bateu em nome da mais santa das causas.

«Quando voltar á sua capital, novas leis, filhas do seu genio, da sua poderosa iniciativa, virão consolidar o seu throno e enlaçar todos os francezes com o imperio.

«Se os ruins tentaram por vezes malquistar-vos com elle, esses mesmos hão de confundir-se ao verem que nunca o imperador vos testimunhou tamanha consideração e ternura como em breve ha de liberalisar-vos.

«No demais, creio ver sobre a minha mesa, pela combinação do algarismo 7 e do numero 28, que antes de meio lustro ha de Deus conceder-vos uma alegria, que será a felicidade do imperio, tornando-vos duplicadamente cara a todos os bons francezes.»

Quereis ver como se realisaram os agoiros da impostora?

O imperador Napoleão divorciou-se da imperatriz Josephina, a sua melhor amiga. Casou depois com uma archiduqueza de Austria, a qual foi uma esposa bem pouco terna... D'este ultimo consorcio nasceu o rei de Roma, depois duque de Reichstadt, que mui moço desceu á sepultura na terra estranha. A França soffreu duas invasões, que a humilharam diante do mundo. Napoleão, condemnado ao desterro, acabou seus dias no insupportavel rochedo de Santa Helena.

«Só Deus é grande, meus irmãos!» disse Massillon no exordio da oração funebre de Luiz XIV; e esse admiravel grito, que a critica tem na conta de sublime nas circunstancias em que foi proferido, merece, em tudo quanto respeita á humanidade, ser sempre attentamente ponderado. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

A santa casa da misericordia de Lisboa é uma das mais notaveis grandezas que illustram e acreditam esta real cidade, com maior razão do que o colosso a Rhodes, as pyramides a Memphis, o labyrintho a Creta e os amphitheatros a Roma, quanto vae do exercicio perpetuo e contínuo de solidas virtudes a todas estas ostentosas e inuteis vaidades. O grande rei D. Manuel lhe edificou templo magnifico, e a dotou com um conto de réis de renda, e se assentou por confrade, elle, e a rainha sua mulher, e seus filhos, a quem então imitou, e hoje vae imitando, quasi toda a nobreza: e d'aqui tiveram origem todas as mais casas de misericordia que ha em toda a christandade.

Pedro Davity, auctor francez, diz por façanha, que as rendas d'esta casa chegam a quarenta mil cruzados. Porém, assim como se enganou dizendo que as parochias de Lisboa são 25, sendo 36, assim tambem errou n'est'outra conta; pois chegam a dispensar-se por anno noventa e quatro mil cruzados: e no anno de 1700 entraram na casa para estas despezas noventa e seis mil e novecentos e cincoenta cruzados, e no de 1701 entraram cento e dois mil duzentos e trinta cruzados. O que tudo se emprega em todo o genero de obras pias, com tanta grandeza, prudencia e fidelidade, que me persuado ser esta santa casa uma das principaes columnas que sustentam o peso da ira de Deus, para que nos não opprima irritada de nossos peccados.

Se houvessemos de recensear as outras fundações e obras pias que fez o mesmo rei, não seria facil achar-lhe o numero. Ainda dentro a Roma, e a Jerusalem, e a Compostella alcançaram! Aqui visitou no anno de 1502 o corpo do sagrado apostolo S. Thiago, levando pouca companhia: onde fez copiosas esmolas e mercês; e depois lhe mandou uma lampada de grande valia e rica obra, em fórma de um castello, assignando certa renda de juro, para que ardesse diante do sepulchro do apostolo. P. MANUEL BERNARDES.

[1] *Histoire du consulat et de l'empire*, tomo X, liv. XXXIV.

[2] É a prophetiza quem falla; são as suas proprias palavras, vertidas em linguagem.

Mad. Lenormand publicou em 1812 um escripto com o titulo de *Mes prophéties*; e n'este escripto se encontram as expressões do texto. Declaro que não tive á mão o escripto de mad. Lenormand; mas encontrei a reproducção, n'esta parte, no livro intitulado: *Les marchands de miracles, histoire de la superstition humaine*, por Alfredo de Caston.